



**Intervenção Secretária-Geral
Isabel Camarinha**

Camaradas,

Saudamos os jovens trabalhadores que hoje, em Lisboa e no Porto, saem à rua e estão em luta, com coragem e confiança para construir um futuro melhor, o futuro a que têm direito. Estamos na rua em luta pela estabilidade no emprego e pelo aumento real dos salários!

Saudamos os muitos milhares de jovens trabalhadores que lutam e, particularmente ao longo do último ano nesta situação difícil que estamos a viver, lutaram nos locais de trabalho do sector público e privado por melhores condições laborais, que rejeitaram, as falsas inevitabilidades, combateram o medo e afirmaram os direitos.

Saudamos a Interjovem, a organização de jovens trabalhadores da CGTP-IN, e os mais de 3600 Jovens que se juntaram aos sindicatos da CGTP-IN, neste ano em que comemoramos 50 anos de existência. A CGTP-IN é a organização de quem trabalha e a adesão de jovens trabalhadores, organizando-se e fortalecendo o nosso Movimento Sindical, é fundamental para continuar e projectar no futuro esta nossa Central Sindical de classe, a força que exige no presente as respostas necessárias ao progresso e ao desenvolvimento, para garantir outro rumo e um futuro digno e feliz a quem quer viver e trabalhar em Portugal.

Não esquecemos os que há uns poucos anos, no período da troica, convidavam à emigração, não esquecemos os que antes desses conduziram os destinos do país, os que prometiam a igualdade, mas acentuaram as desigualdades; os que prometiam a convergência, mas cavaram na divergência; dos que que falavam de modernidade nas relações laborais, mas que promoveram o retrocesso a cada revisão da legislação laboral.

Não esquecemos os responsáveis e combatemos a política que promove a precariedade, os baixos salários, o desemprego e a instabilidade permanente com que a maioria dos jovens trabalhadores são confrontados anos e anos a fio, de emprego em emprego, de contrato precário em contrato precário.

Não tem de ser assim, não pode ser assim!

Os jovens trabalhadores e os trabalhadores em geral não podem continuar a ser sujeitos aos horários longos e desregulados, que para dar ao patrão, tiram na vida de cada um, fazem adiar projectos e negam a realização pessoal e profissional.

A pandemia não pode ser usada para justificar a velha política da exploração, que conduz ao empobrecimento. O Governo do Partido Socialista tem todas as condições e os instrumentos necessários para responder às necessidades mais imediatas da população, basta libertar-se das pressões e ingerências que o capital, o de cá e o de fora, impõe para manter lucros e acumular cada vez mais riqueza.

É disso que se trata!



A opção é entre a submissão ao negócio das farmacêuticas, ou a suspensão das patentes; é entre a diversificação das compras a outros laboratórios com vacinas testadas e eficazes ou a sujeição aos interesses instalados; é entre a produção nacional da totalidade ou de parte das vacinas ou a continuação da dependência face ao exterior!

A saúde da população não pode ficar refém do lucro. A retoma da actividade económica, social e cultural exige medidas concretas, que garantam a vacinação em massa, a testagem, a segurança e o acompanhamento dos novos focos que surjam. A retoma exige o reforço do SNS e que os trabalhadores contratados ao longo do último ano, muitos dos quais jovens, sejam integrados com vínculo efectivo, pois é permanente a actividade que têm que desempenhar no SNS. Com e sem covid, o SNS tem de ser reforçado!

Trata-se de responder no presente, lançando as bases de outro rumo para o país.

Por isso afirmamos que é fundamental assegurar os postos de trabalho e os salários por inteiro e aumentar em 90€ os vencimentos de cada trabalhador, fixando no mais curto prazo o salário mínimo nacional nos 850€. São os baixos salários que hipotecam a saída de casa, que adiam independência ou a constituição de família. Só com mais salário os trabalhadores podem satisfazer as suas necessidades e as empresas escoar os seus produtos, aumentando a produção nacional e o desenvolvimento económico do país.

Exigimos a redução do tempo de trabalho para as 35h, para que os avanços na ciência e na tecnologia sejam potenciados para criar mais emprego, melhorar as condições de vida e de trabalho de todos e não serem fonte de maior exploração e aumento dos lucros por alguns!

Por isso dizemos que é tempo de valorizar o trabalho e as profissões, os saberes e os conhecimentos. É tempo de avançar na regulação dos horários e pôr termo à pressão para a laboração contínua, trabalho por turnos e nocturno em nome da rentabilidade em tantas empresas que não produzem bens ou serviços essenciais e que não justificam o trabalho 24h/24h.

É uma questão de opção. Por mais intensa e sofisticada que seja (e é) a ofensiva do capital, a questão de fundo que se coloca ao governo é de opção.

À pressão para generalizar o teletrabalho, para isolar os trabalhadores, para fazer incidir nos bolsos de cada um, os custos de produção que são do patrão, exige-se a garantia dos direitos e que o teletrabalho não possa ser imposto.

À tentativa de massificar o uso das plataformas digitais, de transformar aquilo que é uma relação laboral numa relação comercial – porque a plataforma é de facto a entidade patronal –, exigimos a garantia das condições de trabalho, que quem recorre ao trabalho através destes serviços assumam todas as suas obrigações legais e a contratação colectiva. Apresentam o trabalho nas plataformas digitais como sendo de grande modernidade, quando aquilo que vemos é a tecnologia a ser instrumentalizada para promover relações do século XIX, ao jeito das velhas praças de jorna!

A jornada de luta que hoje desenvolvemos assinala o Dia Nacional da Juventude que se comemora a 28 de Março. Foi neste dia, em 1947, em plena ditadura fascista, que se juntaram centenas de jovens num acampamento organizado pelo Movimento de Unidade Democrática Juvenil (MUD Juvenil). Nesse dia, tal



como já tinha acontecido tantas vezes e a outros antifascistas, foram reprimidos de forma violenta pela PIDE.

Foi a luta destes jovens e do povo do nosso País que levou, após anos de resistência, à Revolução de Abril e às conquistas que ela nos trouxe.

Foi a luta que derrotou as velhas praças de jorna, que pôs travão à exploração e à limitação de direitos imposta pelo fascismo. Sectores do capital têm saudades desse tempo e promovem projectos antidemocráticos, continuando a tentar fazer o ajuste de contas com o 25 de Abril.

A esses, reafirmamos que têm na CGTP-IN e nos trabalhadores uma força de resistência e luta, que nunca se vai confinar quando se trata de defender a liberdade, a democracia, os direitos laborais e sociais e a soberania nacional, pois estes são valores e princípios inseparáveis.

Sáímos desta jornada de luta com os olhos postos na acção reivindicativa e intervenção que temos de continuar e aumentar nas empresas e locais de trabalho, na mobilização que temos de alargar a outros, no esclarecimento que temos de realizar, na luta que vamos intensificar.

Sáímos desta jornada mais fortes para comemorar e defender Abril, os valores e direitos conquistados!

Sáímos desta jornada com a força de quem trabalha, de quem é o presente e o futuro do país, os jovens trabalhadores que unidos neste grande Movimento Sindical Unitário que é a CGTP-IN, estarão na linha da frente da luta e, no próximo 1º de Maio – Dia Internacional do Trabalhador, vamos realizar em todo o país uma grande jornada de luta, trazendo as reivindicações de cada local de trabalho, de cada sector, dos jovens!

VIVA A LUTA DA JUVENTUDE TRABALHADORA!

VIVA A INTERJOVEM!

VIVA A CGTP-IN!

A LUTA CONTINUA!!!

Lisboa, 25 Março 2021